



## O ESTIGMA DO ENVELHECIMENTO NO CINEMA: REPRESENTAÇÕES E PEDAGOGIAS DO HORROR EM *THE AMUSEMENT PARK* (1975), DE GEORGE ROMERO

The Stigma of Aging in cinema: representations and pedagogies of horror in “The Amusement Park” (1975) by George Romero

Lucas Bitencourt Fortes<sup>1</sup>

Gisele Massola<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva identificar e analisar representações e pedagogias referentes ao envelhecimento a partir do filme *The Amusement Park* (1975), do diretor norte-americano George Andrew Romero. As ancoragens teóricas localizam-se no campo dos Estudos Culturais, fazendo uso da metodologia de etnografia em tela, com inspirações na análise cultural e na metodologia visual crítica. Propõe-se, conjuntamente com o objetivo principal, pensar o potencial pedagógico que produções cinematográficas possuem, sobretudo as do gênero de horror, e como possibilitam a reflexão acerca de problemáticas relativas ao envelhecimento na atualidade. Compreende-se que, apesar de a produção ser oriunda da década de 1970, representações e pedagogias produzidas a partir do horror que dela emanam contribuem significativamente para pensar o envelhecimento, tanto nas dificuldades e problemas vivenciados pelos idosos, especialmente no tocante às múltiplas formas de violência às quais estão sujeitos, quanto nos dilemas e responsabilidades dos mais jovens quando de frente a esta questão.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Cinema de Horror. Estudos Culturais. Representação. Pedagogia Cultural.

**Abstract:** This article aims to identify and analyze representations and pedagogies regarding aging based on the film *The Amusement Park* (1975), by the American director George Andrew Romero. The theoretical anchorages are based on approaches from the field of Cultural Studies making use of the methodology of ethnography on screen, with inspirations in cultural analysis and critical visual methodology, it proposes, together with its main objective, to think about the pedagogical potential that cinematographic productions have, especially those of the horror genre, and how they make it possible to reflect on issues related to aging today. It is understood that, despite the production coming from the 1970s, representations and pedagogies produced from the horror that emanate from it contribute significantly to thinking about aging, whether thinking about the difficulties and problems experienced by the elderly, especially with regard

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), campus Canoas, Rio Grande do Sul. Professor da rede municipal de ensino Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3134-1612>. E-mail: [lucasfortes@rede.ulbra.br](mailto:lucasfortes@rede.ulbra.br)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU/ULBRA), campus Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9110-1381>. E-mail: [gisele.massola@ulbra.br](mailto:gisele.massola@ulbra.br)

to the multiple forms of violence to which they are subject, such as the dilemmas and responsibilities of younger people when faced with this issue.

**Keywords:** Aging. Horror Cinema. Cultural Studies. Representation. Cultural Pedagogy.

## 1 Introdução

Observa-se que, infelizmente, a segregação da população idosa persiste na sociedade, mesmo após consideráveis esforços e avanços na tentativa de sanar demandas inerentes aos tensionamentos desta problemática. O preconceito, o descaso e o desrespeito ainda se mostram, apesar da intensificação de aparatos legais nas últimas duas décadas, com a promulgação do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) brasileiro, instituído com o preceito de ampliar a proteção e as garantias aos idosos. Pode-se afirmar que os desafios em relação à população idosa ainda são tangenciados pela necessidade de promover a valorização dessas pessoas e de garantir políticas para que a população envelheça com qualidade e de forma ativa. Frente a esses desafios, é preciso refletir sobre a questão da velhice, uma vez que diz respeito ao coletivo, e não ao individual unicamente. Com o intuito de produzir algumas reflexões sobre essa temática, interessa-nos lançar olhares para representações do envelhecimento no cinema, compreendendo-o como um local a partir do qual representações são produzidas e, conseqüentemente, pedagogias também emergem.

O tema encontra-se em evidência nos últimos anos, sendo possível observar um conjunto de produções que o problematizam. Pode-se observar que tal temática se encontra presente em variados cenários: em pautas de políticas públicas, nas produções midiáticas, em peças publicitárias, no cinema, na literatura, em definições de demandas de mercado e consumo, e ainda em textos de distintas áreas profissionais que preconizam práticas associadas a estilos de vida saudáveis (tais como: práticas alimentares, rotinas diárias de atividades físicas, interação em grupos de terceira idade, dedicação a artes, entre outras). De modo geral, todos “buscam discutir as condições de sua existência e veiculá-las a determinadas posições-de-sujeitos” (ZIELKE, 2020, p. 35). É pertinente refletir e discutir sobre o envelhecimento, tendo em vista que se trata de um processo inevitável que ocorre ao longo de toda a vida, além de considerar a dinâmica social entre as gerações (DOLL; RAMOS; BUAES, 2015). Cabe pensar o envelhecimento não como uma categoria estável e universal, mas sim como uma categoria sujeita a contínuas transformações, que ocorrem “dentro de um contexto histórico, político e econômico, inserido em relações de poder que as veiculam e constituem” (ZIELKE, 2020, p. 67).

Há de se observar também que produções de distintas áreas que versam sobre a temática do envelhecimento, de certo modo, tratam de convocar ao desafio de substituir estereótipos e desnaturalizar a velhice como problema, reinventando normas culturais que valorizem não apenas crianças e jovens (MINAYO, 2006). São recorrentes as investigações sobre envelhecimento ativo e integrativo, no campo da saúde (GONÇALVES, 2015); teorias sistêmicas, levando em conta fatores genéticos e ambientais, na biologia (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010); dimensões de gênero e classe social, nas ciências humanas (MINAYO; COIMBRA, 2002); políticas públicas assegurando o envelhecimento “bem-sucedido”, no direito (NERI; YASSUDA, 2004), entre outras. No entanto, parece haver um ponto convergente entre as distintas áreas na atualidade: esforços crescentes por descobertas para manutenção da funcionalidade da população mais velha, a fim de promover superação de sentidos e atitudes negativas em relação à velhice e ao processo de envelhecimento humano.

Dadas essas considerações sobre o tema, neste artigo, nosso interesse de pesquisa<sup>3</sup> debruça-se sobre representações e pedagogias no cinema, particularmente no gênero de horror, mais especificamente na produção *The Amusement Park*<sup>4</sup> (1975), do diretor norte-americano George Andrew Romero. Falecido em 2017, Romero é considerado um dos grandes nomes do gênero de horror, tido como pai dos filmes de zumbis, sobretudo com seu clássico *A Noite dos Mortos Vivos* (1968). Tendo influenciado grandes nomes do cinema, como Quentin Tarantino, Brian De Palma, John Carpenter e Wes Craven, o diretor é dono de uma obra “que abordou o racismo, segregação, desigualdade social, consumismo e questões existenciais de modo original, além de transcender as gerações e os limites do cinema” (ABBADE, 2016, p. 7). Ainda sobre a figura de Romero:

Com seus mortos-vivos, ele introduziu uma ácida e satírica crítica à sociedade norte-americana ávida pelo consumismo e se transformou no mestre absoluto dos filmes contemporâneos de horror. Produtor, roteirista, ator, fotógrafo e editor, George Romero soube como ninguém imprimir um violento espetáculo repleto de sangue e tripas, sendo imitado e idolatrado até hoje (SEABRA, 2016, p.15).

O trabalho sobre o qual a análise se debruça, *The Amusement Park* (1975), apresenta uma curiosidade dentro do vasto número de produções de Romero. Em 1973, ele seria contratado por uma entidade conservadora não governamental, denominada Lutheran Society, para a criação de um filme educacional que tivesse como foco chamar a atenção para o tratamento dado à população idosa. Contudo, ao que se sabe, o filme não seria divulgado pela entidade, já que ele a teria deixado horrorizada (BARROS, 2021). Como pontua Samuel Andrade:

Apesar de ser uma alegoria sobre as realidades do envelhecimento na América, a Lutheran Society revelou-se chocada com o conteúdo do filme, tendo impedido qualquer estreia comercial: todo o material fílmico foi confiscado, ‘arrumado na prateleira’ e, com o passar do tempo, tornou-se praticamente impossível localizar o paradeiro de uma cópia do filme (ANDRADE, 2021, n.p.).

A produção, que teve como roteirista Walton Cook, ficaria conhecida como o filme perdido de Romero, aquele que nem mesmo seus fãs mais fervorosos conheciam (FRAGATA, 2018). No entanto, mais de 40 anos depois, uma cópia do filme foi encontrada no West View Park, na Pensilvânia, pelo escritor Daniel Kraus. A partir disto, com o apoio e esforço da George A. Romero Foundation e da organização IndieCollect, o filme de cerca de 52 minutos foi

---

<sup>3</sup> As discussões suscitadas aqui compõem parte de uma investigação mais ampla, vinculada a um Programa de Pós-Graduação em Educação, intitulada *Pedagogia cultural em produções midiáticas*, a qual tem o conceito de pedagogia(s) cultural(is) como importante ferramenta teórica para pensar as pedagogias atuantes em uma multiplicidade de espaços além dos muros institucionalizados da escola. Além disso, implica pensar em como as pedagogias funcionam, como operam, quais são seus traços e que tipo de sujeitos são interpelados por elas e se constituem a partir de suas relações. Considera-se, portanto, *pedagogia cultural* como um tipo de pedagogia produzido especialmente pelos artefatos midiáticos (STEINBERG, 1997). Para tanto, em suas bases metodológicas, compreendem-se análises culturais nas quais produções discursivas da mídia, tal como o cinema, passam a ser tomadas como textos culturais que ensinam, posicionam e instituem modos educativos de olhar para os sujeitos.

<sup>4</sup> Em tradução: *O Parque de Diversões*.

restaurado e estreou na plataforma norte-americana de streaming Shudder<sup>5</sup> em junho de 2021 (BARROS, 2021). Torna-se interessante debruçar-se sobre tal produção, por ela poder ser enquadrada como pertencente ao gênero cinematográfico de horror. Gênero que se relaciona com as mudanças históricas e o contexto de sua época, assim como o próprio filme (HUTCHINGS, 2004). Além disso, trata-se de um gênero que, por sua visceralidade, proporciona mais do que simplesmente medo e repulsa, colocando o espectador frente ao insólito e fazendo com que se reflita sobre questões da sociedade e da cultura em que o espectador se insere (FORTES, 2023).

A temática do envelhecimento não é algo exclusivo da produção de horror *The Amusement Park* (1975). Recentemente, no filme alemão *O Lar dos Esquecidos* (2022), no qual idosos inexplicavelmente passam a apresentar comportamentos violentos e começam a matar os mais jovens do que eles, o diretor Andy Fetscher aborda o medo coletivo do envelhecimento, ao mesmo tempo em que transmite a mensagem de que se deve cuidar bem da população idosa (WALTER, 2022). Já o filme espanhol *A Avó* (2021), de Paco Plaza, acompanha a jovem modelo Susana, que tem de abandonar Paris e o mundo da moda para retornar a Madri, na Espanha, para cuidar de sua avó, que acaba de sofrer uma hemorragia cerebral. A produção espanhola contribui com uma alusão à passagem do tempo e à não aceitação de que envelhecemos e morremos (FERRAZ, 2022). Atentando para o horror nacional, destaca-se o curta-metragem de Ramon Porto Mota intitulado *O Desejo do Morto* (2013), que acompanha Dário, um idoso que vive em um pequeno quarto na casa de sua filha e sua família e que planeja seu próprio velório e enterro com antecedência, mas sem que a família respeite seus desejos. O curta-metragem coloca o espectador de frente aos dilemas do envelhecimento e à ausência de respeito e consideração para com a população idosa (JESUS, 2021).

A abordagem específica da produção de Romero neste texto deve-se à repercussão de seu lançamento, algo inesperado, já que o filme era considerado, de fato, perdido e inacessível ao público em geral. Além disso, Romero é um dos grandes nomes do gênero de horror, e essa sua produção, realizada na década de 1970, não reflete um debate necessário unicamente para sua época, mas contribui para que se reflita acerca de problemáticas ainda enfrentadas na contemporaneidade.

Na trama, o filme tem como enredo central a provocação ao protagonista, um idoso, em um passeio em um parque de diversões. Porém, o que era para ser um dia de alegria, diversão e distração, torna-se um grande pesadelo, deixando o idoso desorientado e isolado, sofrendo os mais diversos tipos de violência. Para muitos críticos que tiveram a possibilidade de ver a produção, o filme é considerado um dos mais imaginativos de Romero e carrega uma forte crítica à sociedade e às instituições norte-americanas (ANDRADE, 2021); para o escritor Daniel Kraus, o filme é uma “obra-prima selvagem” (VIEIRA, 2018, n.p.). A viúva do cineasta, Suzanne Desrocher-Romero, que participou do processo de restauração, destaca que o filme foi o primeiro e o único trabalho encomendado da carreira de seu marido e produz uma perspectiva do contínuo preconceito etário, como salienta: “Embora não seja um filme de terror no sentido tradicional, o filme é perturbador em sua representação da indiferença da sociedade ao envelhecimento” (ISÍDIO, 2021, n.p.).

Ainda cabe destacar a particularidade de composição do elenco do filme. Os participantes coadjuvantes jovens são voluntários, sendo muitos deles ativamente envolvidos, em suas atividades laborais, com cuidado e atendimento da população idosa. Além disso, as

---

<sup>5</sup> Shudder é um serviço pago de *streaming* estadunidense focado em títulos de horror, *thriller* e sobrenatural, de propriedade de AMC Networks, pela qual é operado.



pessoas mais velhas identificadas nas cenas também são voluntárias, em sua grande maioria, na época, moradores de instituições ou lares de idosos em áreas habitacionais de baixa renda ou zonas periféricas. Interessante apontar também que, segundo consta nos registros da produção, para muitos dos participantes mais velhos, o tempo das gravações havia sido o “único momento agradável que tiveram nos últimos anos” (THE AMUSEMENT PARK, 1975).

Figura 1 - Cartaz de *The Amusement Park*.



Fonte: ISÍDIO, 2021.

Embora a produção tenha ocorrido em meados dos anos de 1970 e na sociedade norte-americana, amplia-se o debate produzido a partir de suas representações e pedagogias para pensar o estigma do envelhecimento e as problemáticas enfrentadas pela população idosa, sobretudo, no contexto brasileiro. Como destaca o roteirista Walton Cook: “A produção cumpre seu objetivo de alertar qualquer público sobre os desafios do envelhecimento. [...] o filme nos desafia de forma criativa a preservar um futuro melhor” (ISÍDIO, 2021, n.p.). A produção, por enquadrar-se no gênero de horror, induz a alguns pressupostos, como a promessa reveladora do gênero, contribuindo para a discussão de uma série de problemáticas (COLEMAN, 2019), assim como a possibilidade de refletir e compreender mudanças históricas, especialmente os contextos a partir dos quais o filme de horror é produzido (HUTCHINGS, 2004). A partir destas considerações, objetiva-se analisar as representações e pedagogias que emergem de *The Amusement Park* (1975) no que se refere ao envelhecimento. Para tal empreitada, apresentam-se o percurso metodológico adotado e os conceitos que nortearão as análises.

## 2 Do campo teórico-metodológico

Parte-se do campo dos Estudos Culturais, um campo tido como interdisciplinar, abrangendo uma concepção ampla de cultura (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2013). Com a cultura entendida como central, isto é, abrangendo todos os aspectos da vida social, passa-se a olhar atentamente para todas as práticas sociais (DU GAY, et al., 1997; HALL, 2016). No que se refere ao cinema, um artefato cultural que é produzido na cultura e que, conseqüentemente, a afeta, ele é pensado como um meio a partir do qual representações são produzidas e pedagogias emergem (DUARTE, 2002; FABRIS, 2008; GIROUX, 2013).

Alguns conceitos são tidos como norteadores desta pesquisa. Compreende-se como representação a produção de sentido pela linguagem (HALL, 2016); no presente caso, trata-se da linguagem especificamente cinematográfica utilizada para produzir representações no tocante ao envelhecimento. Alinhadas a isso, têm-se as pedagogias culturais, isto é, as formas de ser e de compreender o mundo ao redor que emergem nos mais diversos âmbitos, como escolas, museus, anúncios publicitários, músicas e cinema, entre outros (CAMOZZATO, 2012). Concomitantemente com a ideia de pedagogias culturais, concebe-se, com a expansão do que se entende como pedagogia e da proliferação das pedagogias adjetivadas, as pedagogias do horror. As pedagogias que emergem e produções cinematográficas pertencentes ao gênero de horror, que se apresentam e certas particularidades, como, por exemplo, a aprendizagem a partir da figura monstruosa, a reflexão e compreensão do contexto o qual a produção surge, e a aprendizagem o enfrentamento e exteriorização de medos, angústias e traumas (FORTES, 2023).

Horror, como gênero cinematográfico, é um gênero complexo, multifacetado e aberto à interpretação, mas que tem relação com as mudanças históricas e o contexto a partir do qual é produzido (HUTCHINGS, 2004), assim, no que se refere *The Amusement Park* (1975), considera-se suas particularidades narrativas e estéticas, que pode diferenciar-se de produções mais populares do gênero, mas também se atenta ao contexto a partir do qual foi produzido. Quanto ao envelhecimento, cabe pensá-lo como uma categoria em constante transformação que objetiva descrever, nomear e posicionar os idosos a partir de determinado ideário, ao mesmo tempo em que, encontrasse atravessado pelos mais diversos marcadores sociais, como gênero e raça, por exemplo (ZIELKE, 2020).

No que tange à metodologia faz-se uso da etnografia em tela (BALESTRIN, 2011), considerando uma metodologia capaz de proporcionar um olhar mais atento à produção, quando olha isoladamente e detalhadamente a elementos que em uma análise do todo não se apresentaria ao espectador. Paralelamente à etnografia em tela, inspira-se na metodologia visual crítica (ROSE, 2001), que exige uma postura crítica frente ao objeto de análise, assim como uma postura crítica perante si próprio, e na análise cultural (WILLIAMS, 2003), que implica buscar esclarecer os significados e valores implícitos e explícitos do modo de vida e da cultura a partir da qual surge o objeto ao destina-se a análise, deslocando assim a centralidade da investigação da estruturação político-econômica para uma contextualização estrutural em termos objetivos quando olha-se para a vida cotidiana.

Assim, a análise ocorre a partir de um desmonte da produção, destacando as cenas com potencial para posterior discussão, a partir disso, as cenas selecionadas serão detalhadamente analisadas, com a elaboração de um caderno de campo, no qual constará: a) indicativo da cena, com nome e tempo em que ocorre; b) descrição do que é visualmente perceptível na cena; c) descrição do que é ouvido durante a cena (diálogos, sons, músicas etc.); d) sentidos a partir da cena; e por fim, e) representações produzidas. A partir desta análise, e conseqüentemente à ela,



se poderá destacar as pedagogias que emergem da produção. Cabe salientar a importância de atentar-se ao perfil e influências do diretor e ao contexto a partir do qual a produção surge.

### 3 Análise do artefato cultural

A cena inicial de *The Amusement Park* coloca o espectador frente ao ator que interpretará o protagonista do filme, trata-se de uma cena evidentemente introdutória, contextualizando ao espectador a proposta da produção. Nessa cena vê-se o ator, que se identifica como sendo Lincoln Maazel, de 70 anos, caminhando pelo parque de diversões West View Park, no qual a narrativa do filme se desenrolará. Em sua fala, o ator destaca as dificuldades enfrentadas pelos mais diversos grupos, sobretudo, os mais idosos. Salientando que “a causa mais triste de negação e rejeição é simplesmente a velhice”. Dentre os muitos problemas e dificuldades aos quais os mais idosos estão sujeitos, o ator destaca: “solidão, problemas de saúde, transporte inadequado, assistência médica inadequada, habitação inadequada, falta de dinheiro, nutrição inadequada, e talvez o mais grave, a falta de compaixão e serviços de apoio dos membros mais jovens de nossa sociedade”. Por meio de suas palavras, o espectador é lançado a uma série de provocações quanto às expectativas e a realidade vividas por quem atinge essa fase da vida. Chama a atenção o fato de o quanto os mais velhos são um recurso natural mal utilizado na sociedade, mas destaca que se trata de algo que pode vir a ser corrigido. Ao fim de sua fala, que antecede o início do filme, um alerta é lançado ao espectador: “Ao assistir ao filme, lembre-se, um dia você ficará velho” (Figura 2).

Figura 2 - Cena e diálogo inicial.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

O filme em si inicia-se com a figura de um homem, este interpretado por Lincoln Maazel, sentado em uma cadeira dentro de uma sala toda branca, o idoso apresenta uma série de machucados em seu rosto, cabelo desalinhado, e sua roupa branca com sinais de sujeira. Em seguida, um outro homem adentra na sala, o mesmo Lincoln Maazel, com as mesmas roupas, porém com um aspecto melhor, sem os machucados e nem sujeira em suas vestimentas. Os dois conversam, com o idoso em sua versão machucada, ofegante, indiferente e sem vontade alguma, recusando sair daquela sala e aventurar-se no parque. Enquanto o outro, mostra-se disposto a

interagir, conversar e se aventurar no parque de diversões, ao fim da conversa, então deixa a sala branca (Figura 3). Neste momento o espectador depara-se com o antes e depois do protagonista, embora ele não saiba até este momento. Têm-se nessa cena o encontro de um idoso esperançoso e com expectativas, com um idoso machucado pelos problemas e dificuldades impostos pelo envelhecimento.

Figura 3 - Antes e depois.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

Um dos brinquedos do parque no qual o protagonista aventura-se é nos carrinhos de bate-bate, também conhecidos como carrinhos de choque ou ainda carrinhos de batida. Tudo parece bem, até o protagonista presenciar um “acidente”. O carrinho de um casal de idosos, dirigido por uma mulher, que se identifica como tendo 67 anos, bate atrás de um outro carrinho dirigido por um homem mais jovem. Apesar de ser algo que obviamente poderia, e deveria, acontecer no brinquedo, ou seja, os carrinhos baterem-se entre si, há uma revolta por parte do homem jovem, que indignado insulta a mulher idosa. Suas falas “Pior do que mulher dirigindo, só uma mulher velha dirigindo” e “Pessoas acima dos 65 anos deveriam andar de ônibus” evidenciam uma dupla forma de opressão, tanto de gênero como etária (Figura 4). Embora nessa parte o protagonista tente contribuir com o casal de idosos, apontando que não houve culpa por parte deles, seu posicionamento é desvalorizado em função de sua idade avançada e por usar óculos. Além disso, o posicionamento por parte do policial que é chamado, assim como o corretor de seguros do casal de idosos, evidenciam um trato iníquo para com o casal. Cabe, dentro dessa cena, pensar a ideia de interseccionalidade<sup>6</sup>, isto é, as múltiplas formas de opressão que se atravessam. Exemplificando melhor o conceito:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a

<sup>6</sup> Trata-se de um conceito que nasce a partir das contribuições teóricas das feministas negras. O termo foi cunhado no campo do direito e inaugurado por Kimberlé Crenshaw em 1989 no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*.



interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (BILGE; COLLINS, 2021, p. 15, 16).

Concebe-se, assim, que mesmo que o olhar analítico seja voltado para questões em torno do envelhecimento, outros marcadores se mostrarão presentes, como no caso de gênero. A presente cena (Figura 4) mostra uma personagem feminina que, além de ser discriminada por conta de sua idade, também é discriminada por ser uma mulher.

Figura 4 – Interseccionalidade, dupla opressão etária e de gênero.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

Em cena posterior, quando o protagonista procura um lugar para que possa fazer uma refeição, ele caminha em direção a um restaurante a céu aberto, em meio ao parque de diversões. Logo pode-se ver o atendimento rápido e atencioso que os garçons oferecem a um homem de cabelos brancos, o que indica uma idade avançada, e bem-vestido, com vestimentas que indicam uma condição socioeconômica favorável, em detrimento a outros indivíduos, também pessoas de idade avançada, que se encontram sentadas em um banco, observando enquanto o homem é bem atendido. O protagonista indica que deseja fazer uma refeição, mas, embora seja atendido, não lhe é dada a mesma atenção que ao homem anterior, o qual continua sendo extremamente bem atendido pelos garçons, que acendem seu charuto e lhe servem champanhe. Quando as refeições finalmente chegam, ao protagonista é servido um prato com massa, molho e batatas fritas, sendo este jogado em sua mesa, enquanto ao homem bem-vestido é servida uma lagosta em um grande prato (Figura 5). Mais uma vez, observa-se um exemplo de interseccionalidade; contudo, ao invés de um atravessamento entre a opressão etária e a de gênero, têm-se o que se pode conceber como uma sobreposição da classe sobre a questão etária. Nesta cena, ambos os homens são idosos e brancos, mas a distinção no tratamento dada a eles difere-se por conta de seu poder aquisitivo aparente. Quanto aos outros indivíduos que se encontram sentados a frente da mesa do homem bem-vestido, pode-se ver pessoas de idade avançada, assim como pessoas negras, o que poderia indicar também uma opressão de teor racial, uma vez que, ainda que ambos os homens que recebem atendimento tenham tratamentos diferentes, eles são homens brancos.

Figura 5 – Atravessamentos e sobreposições na questão etária, de classe e racial.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

Em determinado momento da produção, o foco paira em torno de um jovem casal que pretende ver o futuro junto a uma vidente e sua bola de cristal. Eles desejam saber como será sua vida, na continuidade de uma vida juntos. O semblante do casal é de alegria e grande expectativa pela experiência. Contudo, as visões não são agradáveis, mostrando o casal vivendo em um simples apartamento, já com idade avançada, enquanto ele se encontra acamado, com a saúde comprometida, sua esposa tenta, em vão, buscar ajuda e auxílio, seja de médicos ou pessoas aleatórias pela rua (Figura 6).

Figura 6 - Descobrimdo o futuro.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

A continuação disto evidencia a revolta do homem com o que o futuro lhe guarda, enquanto sua companheira tenta acalmá-lo. Contudo, o homem depara-se com o protagonista sentado em um banco do parque de diversões, e então, tomado por raiva, corre em direção ao



protagonista e o agride, fazendo com que ele caia assustado, sem compreender a razão da agressão (Figura 7).

Figura 7 - Medo e revolta frente ao envelhecimento.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

Estes dois momentos atrelados (Figura 6 e Figura 7), evidenciam o claro medo dos jovens em envelhecer, além disso, coloca em destaque a revolta frente aos mais idosos, que nada mais são do que reflexos do que os aguarda no futuro. A partir destas observações, pode-se entender que: “a presença de idosos ‘nos nossos espaços’ nos confrontaria com a passagem do tempo para nós próprios, nos obrigaria a encarar nossa fragilidade e nossa finitude” (CONCONE, 2007, p. 21), além disso, compreende-se que a “morte atemoriza-nos e a passagem dos anos aproxima-nos dela” (CONCONE, 2007, p. 21). Assim, o preconceito etário é alimentado, justamente, pela negação e relutância em aceitar que todos envelhecem, e que no futuro todos serão pessoas velhas (MONTEIRO, 2021). Cabe destacar que:

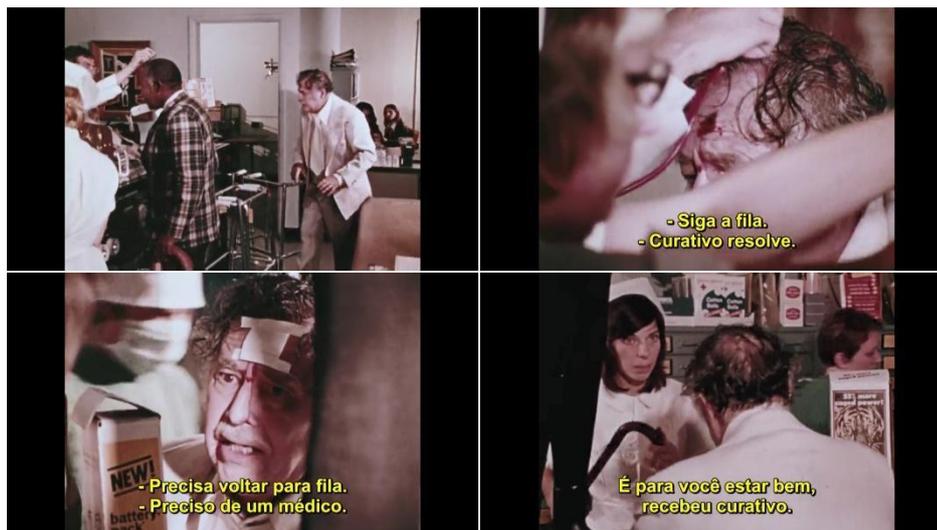
[...] há um terror do envelhecimento envolvido no imaginário, uma vez que uma sociedade capitalista preza tanto a utilidade do ser humano para o mercado, a velhice não se encaixa na produtividade imposta por essa estrutura. Além disso, há uma autonomia que vai se perdendo à medida que envelhecemos, exigindo outros tipos de cuidados que não estamos acostumados (MIRANDA, 2020, n.p.).

Depois de sofrer mais de uma agressão ao longo de seu passeio no parque de diversões, o protagonista busca atendimento médico, pois encontra-se com ferimentos em seu rosto. Ao adentrar no espaço destinado ao atendimento, o lugar evidencia uma longa fila de idosos que também buscam atendimento, além disso, diversos objetos encontram-se à venda no lugar, em sua maioria destinados a população mais idosa, como cadeiras de rodas, andadores, bengalas, entre outros. O maior destaque deste momento deve-se ao atendimento precário que é proporcionado. Embora apresente diversos machucados, o protagonista recebe apenas um curativo em sua testa e uma bengala para apoio. Soma-se a isso o atendimento burocrático e nada atencioso (Figura 8). De fato, dentre os diversos e diferentes desafios enfrentados pelos



idosos, pode-se apontar o desafio de ter um acesso adequado aos serviços de saúde, sobretudo os idosos de classes socioeconômicas menos favorecidas (DOLL, 2006). Atenta-se para a necessidade de atendimento adequado à população idosa em suas mais diversas dimensões, que se sem a qual pode vir a produzir uma série de problemáticas, como depressão, tendência ao sedentarismo, *déficit* cognitivo, progressiva reclusão social e, mesmo, abandono de autocuidados (RAMOS, 2003).

Figura 8 - O desafio do acesso aos serviços de saúde.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

Ainda com certa esperança, buscando usufruir do que o parque de diversões tem a oferecer, o protagonista decide olhar a um *show* de horrores<sup>7</sup>, também conhecido como *show* de aberrações ou circo de horrores. Contudo, o protagonista fica horrorizado, demonstrando um olhar de reprovação para o que vê. O *show* de horrores apresenta ao público pessoas idosas, as quais são submetidas a humilhação em frente ao público e em meio a um sol forte (Figura 9). Pode-se associar a presença de pessoas idosas em um *show* de horrores com o temor frente a um horizonte tenebroso que pode ser o envelhecimento (CONCONE, 2007, p. 29). Embora se compreenda que a sociedade contemporânea, com seus avanços nas mais diversas áreas, desde a área tecnocientífica, econômica, política e social, tenha contribuído para a longevidade, ela também é responsável por gerar horror ao envelhecimento, em decorrência da ansiedade e do medo frente a ela (PONDÉ, 2020).

<sup>7</sup> Consiste na exibição de humanos ou outros animais dotados de algum tipo de anomalia relacionada a mutações genéticas, doença e/ou defeito físico. Tais exposições ocorriam frequentemente em circos e carnavais, especialmente entre os anos de 1840 até 1970.





Figura 10 - Encontro de gerações.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

A cena da sequência se dá com o protagonista encontrando uma jovem menina sentada no parque ao lado de sua mãe, aparentemente realizando um piquenique. Ela gentilmente o convida para sentar-se ao seu lado, algo que deixa o protagonista grato e visivelmente feliz, por sentir-se, finalmente, recebendo um pouco de atenção. O protagonista se oferece para ler uma história para a menina, de um livro que ela portava, enquanto conta a história a menina oferece comida ao protagonista, algo que novamente o deixa grato. Contudo, sua mãe começa a recolher seus pertencentes e então leva a menina embora, a situação vai deixando o protagonista ansioso e nitidamente aflito, fazendo com que implore para que a menina não vá embora. Sem sucesso, o protagonista chora deitado no chão (Figura 11). Têm-se a representação de mais um momento de perda e solidão, ao qual é submetido o protagonista, um dentre as muitas as quais o protagonista teve de lidar ao longo da produção.

Figura 11 - Solidão.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.



Aparentemente, o protagonista encontra-se exausto e desolado diante do dia vivido no parque de diversões, caminhando cabisbaixo, em direção a outros idosos que aparentemente estão indo embora. Têm-se uma retomada das cenas que deram início à produção. O protagonista adentra na mesma sala branca na qual esteve presente no início, porém, agora ele é o homem machucado, sujo e desiludido. Em seguida, outro homem, ele mesmo, adentra na sala, e a cena inicial se repete, como se um ciclo infinito se repetisse (Figura 12). O que se sucedeu ao protagonista ao longo da produção, mas também a outros idosos que se fizeram presentes ao longo do filme, é uma representação da violência, em suas mais diversas dimensões, ao qual os idosos estão sujeitos. Concebe-se, assim, que violência contra a população idosa pode ser desde “física, psicológica, doméstica, negligência e abandono, institucional, abuso financeiro, patrimonial, sexual, discriminação” (SANTOS, 2022, n.p.).

Figura 12 - Ciclo do envelhecimento.

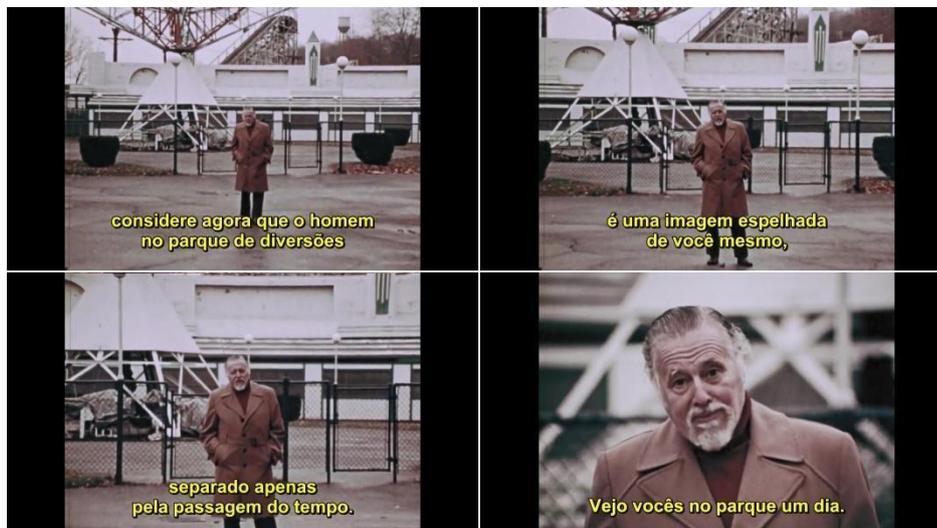


Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

Têm-se, por fim, outro retorno ao que se viu na produção inicialmente, neste momento o ator, Lincoln Maazel, que interpretou o protagonista ao longo de toda produção retorna para mais uma mensagem e uma reflexão final em torno de tudo que foi visto pelo espectador até aquele momento (Figura 13). É destacado em sua fala que todos nós um dia enfrentaremos as problemáticas decorrentes da passagem do tempo, isto é, todos nós seres idosos um dia.



Figura 13 - O inevitável parque de diversões.



Fonte: THE AMUSEMENT PARK, 1975.

A narrativa apresentada, com suas provocações, evidencia a necessidade de conscientização no tocante à velhice. A percepção de que todos envelhecem, e de que o envelhecimento “é um processo ‘contínuo’ na vida de qualquer ser humano” (BERTOLIN; VIECILI, 2014, p. 358), sobretudo, se considerado o contexto brasileiro, no qual, os idosos, “na maioria dos casos são vítimas de preconceitos e indiferenças” (BERTOLIN; VIECILI, 2014, p. 358). Para fins de exemplificação, de janeiro a junho de 2022, conforme dados divulgados pelo governo, mais de 35 mil denúncias de violações de direitos humanos contra pessoas idosas foram registradas através do Disque 100<sup>8</sup> (GOV., 2022). As provocações colocadas frente ao espectador apontam para a importância de tal questão, fazendo-se necessária uma “solidariedade entre as gerações” (DOLL, 2019, p. 4).

#### 4 Considerações finais

A produção de George Romero poderia muito bem ter sido produzida atualmente, pois percebe-se a continuidade de problemáticas no tocante à questão do envelhecimento, que passado décadas, ainda se mostram não superadas. A representação produzida por Romero no que se refere ao envelhecimento evidencia o horror pelo qual os idosos passam quando chegam a determinada idade, assim como o horror que o envelhecimento produz aos mais jovens. Tal representação assumida, dentro de uma perspectiva mais negativa acerca da velhice, sustenta-se na ideia de que o envelhecer, em sua essência, produz sofrimentos de diversas ordens, perda da autonomia, fragilidades, debilidades físicas, isolamento, constituindo o fim das possibilidades de se manter uma vida digna. A violência em suas diversas formas, a solidão, o medo, o desrespeito e o descaso quando o assunto é “envelhecer” fazem-se presentes nas representações de *The Amusement Park* (1975).

As lições que emergem a partir do horror exposto podem ser compreendidas como a não aceitação do envelhecimento pela sociedade Ocidental contemporânea, decorrente do medo de envelhecer, que ao mesmo tempo relaciona-se ao enfrentamento da finitude. Sobretudo, a maior

---

<sup>8</sup> Disque 100 é um serviço disseminação de informações sobre direitos de grupos vulneráveis e de denúncias de violações de direitos humanos.

lição resume-se à reflexão acerca do tratamento dado aos idosos e a necessidade de colocar-se no lugar deles. Tal percepção, contribui para que se pense em alternativas práticas para lidar com tais problemáticas.

Encaminhando-nos para o encerramento vale retomar a provocação em forma de alerta deixada logo nas primeiras cenas do filme, quando o protagonista verbaliza: “o parque de diversões que você está prestes a visitar ilustra muitos problemas que as pessoas de minha idade [71 anos] enfrentam diariamente”. Esse “convite” ao passeio nos convoca a reviver e adentrar nas experiências presenciadas pelo idoso ainda na atualidade sendo essas marcadas pela descartabilidade, opressões em razão de limitações, humilhações, medo, solidão e abandono a que os sujeitos idosos são expostos muitas vezes em seu cotidiano. Por fim, cabe referir que as representações e pedagogias produzidas a partir do horror que dela emanam contribuem significativamente para pensar o envelhecimento, tanto pensando as dificuldades e problemas vivenciados pelos idosos, sobretudo no tocante às múltiplas formas de violência as quais estão sujeitos, como dilemas e responsabilidades dos mais jovens quando de frente a esta questão.

## Referências

- ABBADE, Mário (org.). **George A. Romero**: a crônica social dos mortos-vivos. Centro Cultural do Banco do Brasil, 2016.
- ANDRADE, Samuel. “The Amusement Park”: a história do filme perdido de George Romero. **Filmspot**. Publicado em: 10 de maio de 2021. Disponível em: <https://filmspot.pt/artigo/the-amusement-park-a-historia-do-filme-perdido-de-george-romero-12573/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.
- AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.19, n.(2, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150085>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.
- BALESTRIN, Patrícia Abel. **O corpo rifado**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BARROS, Wanda Pankevicius. *The Amusement Park*, o filme perdido de George A. Romero. **Darkflix**: o portal do terror. Publicado em: 28 de julho de 2021. Disponível: <https://darkflix.blog.br/the-amusement-park-o-filme-perdido-de-george-a-romero/>. Acesso em 06 de fevereiro de 2023.
- BERTOLIN, Giuliana; VIECILI, Mariza. Abandono Afetivo do Idoso: Reparação Civil ao Ato de (não) amar? **Revista Eletrônica de Iniciação Científica**. Itajaí, Centro de Ciências Sociais e Jurídicas da UNIVALI. v. 5, n.1, 1º trimestre de 2014. Disponível em: <https://www.univali.br/graduacao/direito-itajai/publicacoes/revista-de-iniciacao-cientifica-ricc/edicoes/Lists/Artigos/Attachments/996/Arquivo%2018.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BRASIL. Lei Nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em 20 de fevereiro de 2023.





